

EDITORIAL

Considerando a edição especial deste periódico com os melhores artigos do ENSUS 2020, este é o quinto editorial que escrevemos em tempos de pandemia. Relendo os editoriais anteriores deste atípico ano, notamos uma sensação cada vez maior de impotência, à medida em que a certeza de uma solução rápida foi sendo gradativamente substituída pela esperança de uma solução rápida.

Certeza e esperança são muito distantes no mundo da ciência. Certeza é algo raro no mundo científico, pelo menos a longo prazo. O conhecimento é construído pela construção e desconstrução de certezas, e de exceções a essas certezas, que de quando em quando, passam a ser novas certezas. Uma destas certezas, das poucas de longa duração, reside no fato de que precisamos cada vez mais de incentivos e investimentos nos mais variados campos do saber.

A esperança também participa do mundo científico. Todo jovem pesquisador a nutre. A esperança de que nossas pesquisas um dia possam conduzir à uma grande descoberta. A esperança por um mundo melhor, mais justo e igualitário. A esperança de conseguir fazer a diferença no universo de cientistas, onde a injustiça e a desigualdade são figurinhas fáceis. Pouco a pouco a esperança morre e vai sendo substituída pela certeza, na arrogância daqueles menos iluminados pelo saber. Para os demais, ou vagam entre os desesperançosos que desistem de tudo e passam a ser mais um número, ou entre aqueles que persistem e morrem mais cedo. Talvez uma pequeníssima parcela realmente chegue lá e possa figurar nesta escassa constelação. Não aquela infinita e bela como estamos acostumados em nossa galáxia, mas rarefeita, vazia, sem sentido.

Com esperança, esperamos.....que os seres humanos deixem suas diferenças de lado e pratiquem o respeito, cuja definição mais ampla traduz o que se espera de uma espécie dita inteligente: “sentimento que faz com que uma pessoa trate outrem com profundo zelo, grande consideração, atenção ou deferência; afeição, apreço ou cortesia”. Em uma publicação voltada à sustentabilidade, o respeito ao meio ambiente é recorrente. Se praticarmos o conceito acima, não resta dúvida de que o todo representado pela diversidade própria da natureza estará contemplado. Neste sentido, antes que possamos respeitar o meio-ambiente, é necessário que compreendamos o verdadeiro sentido da palavra respeito.

Infelizmente chegamos ao ano de 2020 com poucas evoluções sobre o respeito, e o que acontece é que cada vez mais estamos deixando de respeitar outros, seja por questões econômicas, sociais ou ambientais (pilares da sustentabilidade). “Bandeiras” são erguidas, “punhos” são cerrados, discursos são proferidos, poderes são alternados; contudo, a talvez facilidade que o ambiente online proporciona parece fornecer o combustível necessário ao aumento da intolerância, e o difundido conceito de desenvolvimento sustentável, aquele que deve ser capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações, ainda se faz distante. Cada vez mais distante, não obstante a fixação de objetivos que tentem aproximá-los.

Um dos preceitos da sustentabilidade fala em respeito intergeracional, onde devemos olhar por aqueles que foram educados em outros modos de pensar. Em outras culturas. Infelizmente a intolerância impede que as novas gerações entendam o modo de pensar dos mais velhos, ou mesmo que tolerem formas de pensar que nos tempos modernos soam retrógradas ou preconceituosas. Certa feita em um evento científico, presenciamos a discussão de sociólogos e psicólogos sobre o assassinato de bebês gêmeos em tribos indígenas. Me pareceu injusto então o raciocínio de que não devemos emitir julgamento sobre condições culturais que se estabelecem e que não entendemos, mesmo que coloquem vidas de inocentes em risco.

Hoje vemos tantas lutas que ferem direitos de outros ou que colocam direitos de uns, acima do direito de outros. Sob a ótica da equidade, da justiça social como soam? Estamos aptos a julgar os pensamentos de outras pessoas?

Por outro lado vejo uma apologia ao positivismo. Dizem: “Se você não tem algo positivo a dizer, não diga nada!”. Como funciona isso? Para quem ou para que tipo de pensamento funciona isso? Será que não seria: se não tem algo positivo a dizer em favor da minha luta, não diga nada? Mas daí como fica o pensamento crítico ou a melhoria contínua, onde a partir da identificação de falhas, progredimos? Não é justamente a partir da identificação de problemas que evolui a ciência?

Assim, no pensamento contemporâneo, perdem-se as gerações em conflitos e em incapacidades de compreensão. Perdem-se pelo desrespeito, pela desonestidade e pela corrupção, porque abstêm-se de valores que foram ensinados e transmitidos entre gerações. Cada vez mais refutam-se as discussões e as críticas são entendidas como pejorativas.

No mesmo dicionário encontramos outra definição para respeito: “sensação de temor, receio ou ansiedade”. Neste sentido, o respeito forçado, imposto a nós tal qual uma lei, onde por receio ou temor, prepondera, não pode ser aceito de forma alguma. Respeito se conquista e não se impõem. E assim, num mundo dominado pela hipocrisia, falamos e escrevemos muito mais do que agimos...

A MIX Sustentável tem recebido uma quantidade significativa de artigos e conseguimos atrair para nosso quadro de avaliadores professores e pesquisadores de universidades públicas e privadas, de todas as regiões do país, além de tantos outros estrangeiros, principalmente das Américas e Europa.

Essa edição retrata essa condição de heterogeneidade, tanto geograficamente quanto em ênfase. Seja oriundo da arquitetura, design ou engenharias, os artigos retratam experiências contemplando as dimensões da sustentabilidade aplicadas no projeto.

É da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o primeiro artigo: “Pesquisa e desenvolvimento de uma coleção de moda slow fashion”, que retrata a questão da sustentabilidade no sempre dinâmico e efêmero mundo da moda.

Da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o artigo 2: “Concreto eco amigável para estruturas sustentáveis”, traz a reflexão atual das necessárias mudanças no impacto ambiental causado pelos materiais de construção.

Também do RS, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), o artigo 3 tem por título: “Uso de resíduos agrícolas na produção de painéis isolantes”, cuja conclusão mostra que a condutividade térmica dos materiais é afetada pela densidade, tamanho das partículas e as especificações de produção dos materiais usados.

Da Unicentro (Universidade Estadual do Centro Oeste), do Paraná, vem o artigo: “Crédito rural e sustentabilidade: um estudo comparativo em pequenas propriedades rurais”, que tem como objetivo identificar a relação do crédito rural com o desenvolvimento sustentável de pequenas propriedades agrícolas.

O quinto artigo vem da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e tem como título: “Levantamento da pegada de carbono da cadeia produtiva do coco babaçu no estado do Piauí”, e mostrou que a Pegada de Carbono foi de 184,98 kg de CO₂eq por mês, um valor considerado bom, frente as demais opções de materiais.

O tema de conforto ambiental foi o escolhido pelas pesquisadoras da Universidade Federal do Pará (UFPA), mostrado no sexto artigo da edição, com o título: “Estudo do uso da Biofilia em ambientes hospitalares em Belém – PA”. O trabalho teve por objetivo principal contribuir na humanização de áreas importantes do prédio, principalmente áreas fechadas de uso ininterrupto, auxiliando na diminuição ao estresse normal de ambientes hospitalares.

O artigo 7 também é voltado à área da moda, escrito por pesquisadores da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), tem por título: “Moda e consumo sustentável: um exemplo de Florianópolis (SC)”. Apresenta uma importante observação, onde se evidenciou que os consumidores locais buscam exercer o poder de consumo por intermédio de aspectos estéticos-formais e valores imateriais.

Do Vale do Rio do Sinos (RS), pesquisadores da UNISINOS apresentam o artigo de número 8: “Avaliação mecânica e estrutural da adição de escória do refino secundário via aciaria elétrica em material cerâmico em função do tempo de estocagem do resíduo” cujo objetivo foi avaliar a reciclagem da escória de aciaria elétrica, em dois tempos de estocagem.

O artigo 9 vem da Universidade Federal Fluminense (UFF), com o título: “Prospectando horizontes para o ensino integrado da sustentabilidade na educação básica”. A principal contribuição do artigo foi, através da verificação do panorama atual do ensino da sustentabilidade na educação básica, traçar diretrizes de ensino futuro.

Da capital do país, as pesquisadoras da Universidade de Brasília (UnB) apresentam o artigo: “Design e Biomimética: uma revisão sobre o estado da arte no cenário brasileiro” cuja leitura permite compreender que a natureza representa um vasto repositório de conhecimento e inspiração para designers.

A professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) apresenta no artigo “Ensino, pesquisa e extensão universitária sob a ótica do design para inovação social” os resultados de seu estágio de pós-doutorado e apresenta fundamentos de incentivo a criação de novos Programas de Pós-Graduação no Brasil.

Finalizando os artigos da edição o artigo 12 foi realizado conjuntamente por pesquisadores da FURB (Universidade Regional de Blumenau), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina), e tem como título: “Análise estrutural e espacial do componente arbóreo como elemento de paisagem turística”.

A edição ainda traz duas entrevistas: do professor do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC, arquiteto Ayrton Portilho Bueno e da professora do Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil e Ambiental da UPF (Universidade de Passo Fundo), Luciana Londero Brandli. Completa a edição resumos de trabalhos finais de conclusão de curso em níveis de graduação e pós-graduação.

Desejamos a todos uma boa leitura, com votos de Boas festas e um ótimo 2021.

LISIANE ILHA LIBRELOTTO E PAULO CESAR MACHADO FERROLI

EDITORES DA MIX SUSTENTÁVEL